

O FIM DE UM CICLO HISTÓRICO: O TÉRMINO MELANCÓLICO DO PT⁴⁰

Hector Benoit⁴¹

Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)

Agradeço, em primeiro lugar, ao professor Ricardo Melo, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, que assumiu o duro trabalho de levar adiante este GT da ANPOF (Associação Nacional de Pós-Graduação em Filosofia), o GT intitulado “Marx e a tradição dialética”, que fundamos já há alguns anos, e é um prazer participar deste encontro ainda que somente através de um vídeo, não podendo, por motivos pessoais, realizar uma participação presencial. Agradeço também a todos os que colaboram e colaboraram na continuidade deste GT, durante as suas diversas edições, desde uma ANPOF realizada em Salvador, quando, lembro-me que juntamente com o professor Jadir Antunes, então meu orientando, conversamos com o coordenador da ANPOF e oficializamos a fundação deste Grupo de Trabalho.

Gostaria nesta ocasião de comentar, à luz do marxismo, mais particularmente, a situação do Brasil, nestas últimas mais de três décadas que transcorreram após o período da ditadura militar, ou seja, o período que se inicia em 1985, com a posse de José Sarney, diante da morte do presidente Tancredo Neves, que não chegou nem sequer a assumir a presidência, apesar de eleito indiretamente pelo Congresso.

Penso, porém, que a ditadura mostrava sinais de esgotamento econômico desde 1973, com o fim do chamado “milagre econômico”, que chegou, no seu pico, a levar o país a um crescimento de até 12% ao ano. Os sinais políticos de esgotamento da ditadura, por outro lado, se manifestaram sobretudo a partir das mortes do jornalista Wladimir Herzog e do operário João Manuel Filho em 1975/76. Tanto é assim que já em 1978 o general Geisel anulou o ato institucional número 5 e permitiu o começo, em parte, do retorno dos exilados ao país. Em agosto de 1979, o general Figueiredo decretou a Lei da Anistia, que foi mais um sinal do esgotamento quase total da ditadura. Mas tudo se aprofundava nesta direção: em 1978, 1979 e 1980 ocorreriam frequentes manifestações

⁴⁰ Palestra proferida no I Encontro do GT “Marx e a Tradição Dialética” em 23 de outubro de 2017. Este texto foi escrito por ocasião da publicação de carta de A. Palocci, pedindo a desfiliação do PT, quando começara um julgamento sobre ele na Comissão de Ética do partido. Isso ocorreu em começo de outubro de 2017.

⁴¹ Professor Livre-Docente do Departamento de Filosofia da UNICAMP.

estudantis e as grandes greves metalúrgicas do ABC, assim como de outras regiões do país, como Sertãozinho, cidade praticamente metalúrgica, situada nas proximidades de Ribeirão Preto. Em 1980 era fundado o PT, e, em 1983, era fundada a CUT.

Organizações antes clandestinas, foram aparecendo à luz do dia. Particularmente, os setores de inspiração trotsquista passaram a fazer entrismo no PT, a DS (Democracia Socialista), a Convergência Socialista (da qual surgiu depois o PSTU), a OSI (Organização Socialista Internacionalista), e o seu racha, a corrente Causa Operária, para citar as mais importantes.

Na verdade, foram estas organizações de inspiração trotsquista que deram a força à construção de núcleos do PT por todo o Brasil. No entanto, a corrente hegemônica no PT, a Articulação, comandada por Lula e José Dirceu, desde o início dos anos 1990 começou a expulsar as correntes trotsquistas, que não se adaptavam à crescente burocratização do partido. Com essas expulsões, o PT foi mostrando a sua verdadeira cara, aquela que sempre fora a sua verdadeira cara, e que desde a posse de Lula em 2003 tornou-se evidente: tratava-se de um partido burguês eleitoreiro, que começou a governar da mesma forma que o PMDB e os outros partidos brasileiros. Então praticamente desapareceu boa parte dos núcleos de base do partido, e, impulsionado pelo fisiologismo político e pela corrupção, o PT voltou-se mais para o parlamento burguês do que para a classe trabalhadora.

A própria CUT, pouco a pouco, foi tornando-se também praticamente igual à central pelega, Força Sindical. Particularmente, recordo quando, em 1987, a CUT lançou uma segunda candidatura cutista – a de Chico Gordo – para as eleições do Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo, levando com esse ato traidor a derrotar a outra candidatura da CUT, aquela comandada por Lúcio Belantani, então presidente da Comissão de Fábrica independente da Ford do Ipiranga. Lúcio perdeu a eleição por uma diferença pequena de votos para Luiz Antônio Medeiros, entregando assim, com essa traição da CUT, o Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo à Força Sindical, que depois dessa eleição nunca mais foi desalojada da direção do maior sindicato metalúrgico do Brasil.

Chico Gordo, em entrevista realizada em época recente, reconhece que aceitar ser candidato naquela ocasião foi possivelmente o maior erro da sua carreira. Evidentemente, quem estava por trás do Chico Gordo era o grupo de Lula do ABCD, que temia o crescimento político de Lúcio Belantani no interior da CUT.

Eu, particularmente, pertencia desde 1979 à OSI, que, em sua revista, intitulada “Luta de Classe”, caracterizava o PT como um partido que evoluiria similarmente ao

gangsterismo peronista. A esse propósito, recordo que em 1978/79, estive no Brasil o grande historiador francês Pierre Broué, pertencente naquela época à corrente internacional dirigida por Pierre Lambert da OCI francesa. Em conferências e reuniões internas, afirmava Broué, corretamente, que a OSI estava certa nessa caracterização do PT como um partido que tenderia à traição da classe operária. Lembro-me que ele dizia que um partido revolucionário embasado nos sindicatos era algo inviável, no século XX, sendo uma estratégia que teria sido esgotada já no começo daquele século, com a traição da II Internacional. Lênin, desde 1915, percebera isso, tendo nesse sentido lançado o movimento de fundação da III Internacional.

Ora, qual não foi a minha surpresa quando, no primeiro semestre de 1980, veio um documento da direção da OSI propondo o entrismo no PT? Segundo escreveu na época Glauco Arbix, então secretário-geral, esse entrismo no PT levaria à construção de uma OSI de 2.000 militantes. Reproduzia com essa estratégia um entrismo similar àquele que a OCI de Lambert fazia na França, ao entrar no Partido Socialista francês (projeto este que levou Jospin ao poder, porém, quando isso ocorreu ele já não era mais trosquista, liquidando-se no centrismo do Partido Socialista, hoje quase insignificante).

Na época de 1980, obedecendo ao centralismo democrático que regia a OSI, participei da fundação do núcleo do PT de Ribeirão Preto, pois lecionava então na USP situada nessa cidade. Lembro-me de que, entre outros, ajudou a fundar comigo o núcleo do PT de Ribeirão Preto Antônio Palocci, então estudante de Medicina na USP e um dos líderes da célebre tendência estudantil Liberdade e Luta, a “Libelu”.

Ora, apesar de obedecer ao centralismo democrático e colaborar com a fundação do núcleo do PT, eu não concordava com essas posições. Sendo que, quando ocorreu o congresso da OSI que sancionou essa política, em julho de 1980, eu dirigi um grupo divergente, escrevendo um longo documento de cerca de 40 páginas. Ora, sob um pretexto burocrático e quebrando o estatuto que regia o Congresso da OSI, eu e os meus camaradas fomos expulsos durante o próprio Congresso. No documento, eu previa que a OSI ia se liquidar no interior do PT, o que realmente aconteceu com a maioria dos seus quadros, a começar pelo próprio Palocci. Lembro também de muitos outros quadros da OSI que tiveram o mesmo destino, por exemplo: Glauco Arbix (o antigo secretário-geral da OSI), Gushiken (ex-presidente do sindicato dos bancários de São Paulo), Clara Ant, Ricardo Melo (que não é este nosso camarada aqui presente no evento, mas o seu xará, que virou depois jornalista burguês da *Folha de São Paulo*), mas a história mais ridícula foi a evolução de Josimar Melo, membro em 1980 do BP da OSI: Josimar virou especialista

em culinária, escrevendo na imprensa burguesa e lançando vários livros sobre o assunto, sendo pago pelos restaurantes de luxo para fazer matérias elogiosas desses restaurantes nas revistas e jornais burgueses.

Curiosamente, o único em Ribeirão Preto que não votou pela minha expulsão em 1980, abstendo-se na votação, foi Antônio Palocci, certamente o mais inteligente deles, que, apesar de ser estudante de Medicina, assistia às minhas aulas de Filosofia na USP de Ribeirão Preto. Passados 37 anos, diante da precisão na formulação das suas questões, lembro-me ainda de algumas perguntas que Palocci me fez durante o curso que eu dava naquela época, curso intitulado “Dialética e Positivismo”. Porém, logo a direção da OSI, temendo que eu conseguisse cooptar o Palocci, o proibiu de continuar a frequentar as minhas aulas.

Aliás, nesse entrismo da OSI foi inclusive Palocci, sem dúvida, aquele que teve maior sucesso, tornando-se por duas vezes prefeito da cidade de Ribeirão Preto, sendo o coordenador da campanha vencedora de Lula à presidência da República em 2002, sendo ministro da economia de Lula, ministro da Casa Civil de Dilma e aquele que fazia todos os contatos principais com os empresários e banqueiros, sendo o verdadeiro cérebro do PT, mais importante do que os tesoureiros Delúbio Soares e Vacari Neto, assim como mais importante até que o próprio poderoso José Dirceu.

Palocci conhecia e conhece todas as entranhas do PT. Não por acaso, quando foi preso há cerca de um ano pela operação Lava Jato, era tão temido pelos próprios petistas, que agora preparam a sua expulsão, mas, antecipando-se aos seus medíocres companheiros de partido, que pretendiam julgá-lo por falhas éticas, como se estes tivessem alguma vez alguma noção de ética, antecipando-se aos burocratas do Diretório Nacional, desfilou-se agora desse partido traidor da classe trabalhadora brasileira e, corretamente, apontou que, provavelmente, o futuro do PT pode ser aquele de uma seita insignificante. A respeito de Lula, chegou a dizer em sua carta de desfiliação: “ (...) dissociou-se definitivamente do menino retirante para navegar no terreno pantanoso do sucesso sem crítica, do ‘tudo pode’, do poder sem limites, onde a corrupção, os desvios, as disfunções que se acumulam são apenas detalhes, notas de rodapé no cenário entorpecido dos petrodólares que pagarão a tudo e a todos”.

Mas, voltando ao texto que escrevi em 1980, quando da minha expulsão da OSI, não somente previ corretamente que a OSI ia se liquidar no PT, como previ que quando o PT chegasse ao poder ele arruinaria o Brasil. Pensei que isso já ia acontecer em 2005, quando ocorreu o escândalo do mensalão, mas, subestimei a capacidade de sobrevivência

do partido que ainda conseguiu reeleger Lula e elegeu por duas vezes a incompetente “mãe do PAC”, a Dilma, que chegou ao cúmulo de mentir no seu currículo, dizendo que era doutora em Economia pela UNICAMP, sendo que – depois descobriu-se – ela apenas defendera os créditos exigidos na pós-graduação, mas jamais fizera a tese de doutorado e nunca possuiu qualquer obra teórica significativa nem em Economia e nem em política. Com os seus poucos conhecimentos de Economia, Dilma afundou de vez o país, terminando naquele impeachment, que se foi golpe do Temer e do PMDB, na verdade, a continuidade da Dilma em nada mudaria a situação do país. Conta-se que ela chegou a convidar o próprio Henrique Meireles, hoje ministro de Temer, para substituir ao ministro Joaquim Levy, que em nada se diferencia do próprio Meireles, ambos comprometidos com os banqueiros e com o capital financeiro internacional. Conta-se até que Dilma, desesperada diante da situação de sua queda iminente, teria convidado depois Delfim Neto, o autor do chamado “milagre econômico” da ditadura, para assumir o ministério da Economia, mas este, claro, não sendo idiota, não quis se deixar agarrar pelo pescoço por uma presidente que já se afogava em um mar de lama e numa economia falida. Evidentemente, também Delfim teria recusado o convite para o ministério da Economia. Assim, quem reclama da política implementada por Meireles e Temer, o faz somente por pura retórica e só assim pode afirmar que se a Dilma houvesse continuado não ocorreriam as mesmas medidas contra os trabalhadores que hoje estão sendo implantadas, tais como a reforma trabalhista e aquela da previdência. Obviamente, o programa econômico de Meireles ou de Delfim Neto, mesmo com Dilma no poder, seria o mesmo que aquele hoje levado à frente pelo governo Temer.

A derrocada do PT marca assim, parece-me, de maneira definitiva, o fim de um ciclo da política brasileira. A possível saída de cena do PT, ainda que gradual, talvez reabra as possibilidades de um novo partido, um verdadeiro partido revolucionário da classe operária e dos trabalhadores em geral. Esperemos que a vanguarda da classe operária brasileira entre em movimento e construa um grande futuro para o Brasil e indique o caminho do socialismo e do internacionalismo para toda a América Latina, ocupando o lugar que lhe foi usurpado por esses farsantes e ladrões do dinheiro público. Penso que o caminho para um Brasil que possa voltar a se orgulhar de si mesmo, dificilmente passa pelas eleições de 2018, mas sim pela construção de um poder popular, aquele dos conselhos, como aliás apontava Pierre Broué ainda em 1978/79. Todo poder real e legítimo somente pode vir dos conselhos dos trabalhadores, dos estudantes, e de

todos os que hoje sofrem a miséria das péssimas condições da saúde, da educação, do desemprego e do rebaixamento geral dos salários!

Nesse sentido, a recente carta de desfiliação de Palocci, além anunciar profecias amargas para o PT, também pode ser considerada como um documento da maior importância para todo este ciclo da história do Brasil, que, começando com a derrocada da ditadura militar, agora se conclui com a melancólica agonia de um partido que, apesar de haver durante muito tempo falado em ética, jamais a praticou, atacando agora em nome de uma falsa ética aquele que mais contribuiu na construção desse mesmo partido, um partido, hoje, odiado por boa parte da vanguarda metalúrgica do ABCD, seu local de nascimento. Não acredito que possa haver qualquer possibilidade de reconstrução ou renovação para esse partido que, na verdade, como previra Pierre Broué entre 1978/79, nasceu como algo inviável e anacrônico já para o começo do século passado.

O PT está agora morrendo, tornando-se, como disse Palocci em sua carta de desfiliação, provavelmente, uma mera seita, mas, na verdade, o PT já nasceu como um fantasma do começo do século XX, figura sombria que jamais deveria ter sido apoiada, sobretudo pelos setores realmente marxistas e, muito menos, pelos setores que se inspiravam no trotsquismo, assim como, não devia ter sido apoiado pela classe operária, que foi enganada e traída desde as primeiras grandes greves de 1978, 1979 e 1980. Nessa última greve, diante da força do movimento grevista, Lula foi preso, mas, na verdade, somente para não se queimar diante da classe operária propondo o fim da greve, pois, nas assembleias da Vila Euclides, e por diversas regiões do país, a classe operária estava disposta a continuar a luta até o fim. Lula, na verdade, com a falsa prisão, foi salvo pela burguesia, que sabia que precisaria dele mais tarde. Se ainda hoje o PT aparece bem colocado em algumas pesquisas de opinião, trata-se apenas de um pesadelo que somente sobrevive graças aos setores mais atrasados e mais desinformados da população brasileira, pobres vítimas da ignorância e da ausência de educação que o PT soube, durante os seus anos e anos de governo, somente aprofundar e aprofundar, com programas sociais assistencialistas e deformadores da consciência de classe dos mais pobres e infelizes dos brasileiros.